

NOME

---

Nº

SÉRIE

---

DATA

---

## **Roteiro de recuperação Final /2019**

### **Leitura de Imagem - 9º ano**

#### CONTEÚDOS A SEREM TRABALHADOS

- A cidade de São Paulo  
“A cidade é como um texto e para compreendê-la é preciso saber ler e analisá-la”
- Guilherme Gaensly e Militão Augusto Azevedo
- Marcovaldo e as estações na cidade

#### ENTREGAR PARA O PROFESSOR NO DIA 9/12

- Uma análise de uma foto de São Paulo de Militão Augusto Azevedo ou Guilherme Gaensly, do acervo do site: <http://brasilianafotografica.bn.br>
- Uma análise dos textos “A cidade perdida na neve” que demonstre as principais características do personagem principal e explique qual sua ação como elemento de transformação da cidade.
- Uma análise do texto “O olhar do estrangeiro” apresentando seus principais pontos de discussão e de que maneira esse texto está relacionado ao curso.
- Uma fotografia realizada por você que represente uma relação de estrangeirismo entre você e suas relações pessoais, afetivos, sejam elas dentro ou fora da escola. Com título e um parágrafo de explicação sobre os motivos dela representar o estrangeiro.

### **A CIDADE PERDIDA NA NEVE**

Naquela manhã o silêncio o despertou. Marcovaldo levantou da cama com o sentimento de algo estranho no ar. Não entendia que horas eram, a luz entre as frestas da persiana era diferente daquela de todas as horas do dia e da noite. Abriu a janela: a

cidade desaparecera, fora substituída por uma folha branca. Aguçando o olhar, distinguiu, em meio ao branco, algumas linhas quase apagadas que correspondiam àquelas da vista habitual: as janelas e os telhados e os lampiões dos arredores, mas perdidos debaixo de toda a neve que caíra durante a noite.

— Neve! — gritou Marcovaldo para a mulher, isto é, esforçou-se por gritar, mas a voz lhe saiu amortecida. Como sobre as linhas, cores e perspectivas, a neve caíra sobre os ruídos, ou melhor, sobre a própria possibilidade de fazer ruídos; os sons, como num espaço acolchoado, não vibravam.

Foi para o trabalho a pé; os bondes estavam parados por causa da neve. Pela rua, abrindo ele próprio o caminho, sentiu-se livre como nunca. Nas vias urbanas, toda diferença entre calçada e espaço para carros desaparecera, os veículos não podiam passar, e Marcovaldo, embora afundasse metade da perna a cada passo e sentisse a neve se infiltrando nas meias, estava à vontade para caminhar no meio da rua, pisar nos canteiros, atravessar fora dos limites prescritos, avançar em ziguezague.

As ruas e avenidas abriam-se intermináveis e desertas como alvos desfiladeiros entre rochas de montanhas. A cidade oculta sob aquele manto seria sempre a mesma ou durante a noite teria sido trocada por uma outra? Quem garantia que debaixo daqueles montinhos brancos ainda se encontravam as bombas de gasolina, as bancas de jornais, as paradas dos bondes, ou será que tudo não se reduzia a sacos e sacos de neve? Andando, Marcovaldo sonhava perder-se numa cidade diferente: seus passos, ao contrário, o conduziam justamente ao local de trabalho de todos os dias, o depósito de sempre, e, superado o umbral, o carregador se admirou de achar-se entre aquelas paredes sempre iguais, como se a mudança que cancelara o mundo exterior só tivesse poupado sua empresa.

Lá, esperando-o, havia uma pá maior que ele. O chefe de estoque, sr. Viligelmo, entregando-a, anunciou:

— Em frente à empresa, a limpeza da calçada é responsabilidade nossa, ou seja, sua. — Marcovaldo pegou a pá e tornou a sair.

Limpar neve não é brincadeira, especialmente para quem tem o estômago vazio, mas Marcovaldo sentia a neve como amiga, como um elemento que anulava a gaiola de muros em que se aprisionara sua vida. E com grande entusiasmo entregou-se ao trabalho, fazendo voar grandes pazadas de neve da calçada para o meio da rua.

Também o desempregado Sigismondo estava muito grato à neve, pois, tendo se inscrito naquela manhã entre os limpadores de neve da prefeitura, finalmente tinha

pela frente alguns dias de trabalho garantido. Mas aquele sentimento, em vez de inspirar-lhe vagas fantasias como acontecia com Marcovaldo, induzia-o a cálculos bem precisos sobre quantos metros cúbicos de neve devia deslocar para limpar tantos metros quadrados; enfim, queria marcar pontos junto ao chefe do grupo; e — ambição secreta — fazer carreira.

Sigismondo se vira e o que vê? O trecho de rua que acabara de limpar tornava a se encher de neve sob os movimentos desordenados da pá de um tipo que ofegava na calçada. Quase teve um ataque. Correu para enfrentá-lo, apontando-lhe a pá cheia de neve contra o peito.

— Ei, você! É você que está jogando a neve ali?

— Hã? O quê? — sobressaltou-se Marcovaldo, mas admitiu: — Ah, talvez sim.

— Bom, ou você a recolhe imediatamente com sua pazinha ou vai lamber até o último floco.

— Mas tenho de limpar a calçada.

— E eu a rua. Como ficamos?

— Onde vou pôr?

— Você é da prefeitura?

— Não. Da empresa SBAV.

Sigismondo o ensinou a amontoar a neve na beira da calçada e Marcovaldo limpou tudo o que sujara. Satisfeitos, com as pás enterradas na neve, puseram-se a contemplar a obra concluída.

— Tem uma guimba? — perguntou Sigismondo.

Estavam acendendo a metade de um cigarro para cada um, quando um carro limpador de neve passou pela rua levantando duas grandes ondas brancas que caíam pelos lados. Naquela manhã qualquer ruído era apenas um sussurro: quando os dois ergueram o olhar, todo o trecho que haviam limpado estava de novo recoberto de neve. "Que aconteceu? Tornou a nevar?", e levantaram os olhos para o céu. O carro, rodando seus escovões, já dobrava a esquina.

Marcovaldo aprendeu a amontoar a neve num murinho compacto. Se continuasse a fazer murinhos iguais, poderia construir ruas só para ele, ruas que só ele saberia onde dariam, e nas quais todos os outros se perderiam. Refazer a cidade, amontoar montanhas altas como casas que ninguém poderia distinguir das casas de verdade. Ou quem sabe todas as casas tinham passado a ser de neve, dentro e fora;

uma cidade inteira de neve, com monumentos, campanários e árvores, uma cidade que se podia desfazer a golpes de pá e ser refeita de outro modo.

Na beira da calçada, num determinado ponto, havia um monte de neve considerável. Marcovaldo já estava para nivelá-lo à altura de seus murinhos, quando percebeu que era um automóvel: o luxuoso carro do presidente do conselho administrativo, comendador Alboino, todo coberto de neve. Visto que a diferença entre um carro e um monte de neve era tão pouca, Marcovaldo começou a modelar com a pá a forma de um carro. Deu certo: de fato, entre os dois não se reconhecia mais qual era o verdadeiro. Para dar os últimos retoques à obra, Marcovaldo usou alguns ferros velhos que lhe apareceram na pá: uma lata enferrujada vinha a calhar para modelar a forma de um farol; com um pedaço de torneira, a porta teve sua maçaneta.

Houve grandes salamaleques de porteiros, contínuos e office-boys, e o presidente, comendador Alboino, saiu pelo portão. Míope e eficiente, caminhou decidido e rápido para seu carro, agarrou a torneira que sobressaía, puxou, abaixou a cabeça e se enfiou no monte de neve até o pescoço.

Marcovaldo já dobrara a esquina e limpava o pátio.

Os meninos do pátio tinham feito um homem de neve.

— Falta o nariz! — disse um deles. — O que vamos usar? Uma cenoura! — E foi cada um para a respectiva cozinha procurar entre os legumes.

Marcovaldo contemplava o homem de neve. "Pronto, sob a neve não se distingue o que é de neve e o que só está recoberto. Exceto num caso: o homem, pois se sabe que eu sou eu e não este aqui."

Absorto em suas meditações, não se deu conta de que do telhado dois homens gritavam: "Ei, meu senhor, afaste-se um pouco daí!". Eram aqueles que limpam a neve das telhas. E, de repente, uma carga de neve de vinte arrobas caiu-lhe por cima.

Os meninos voltaram com seu saque de cenouras.

— Oh! Fizeram um outro homem de neve! — No meio do pátio havia dois bonecos idênticos, vizinhos.

— Vamos pôr narizes nos dois! — E enterraram duas cenouras na cabeça dos dois homens de neve.

Marcovaldo, mais morto que vivo, sentiu, através do invólucro em que fora sepultado e congelado, chegar-lhe comida. E mastigou.

— Nossa Senhora! A cenoura desapareceu! — Os meninos estavam muito assustados.

O mais corajoso não perdeu o ânimo. Tinha um nariz de reserva: um pimentão; e o colocou no homem de neve. O homem de neve engoliu também aquele.

Então experimentaram colocar-lhe como nariz um pedaço de carvão, daqueles compridinhos. Marcovaldo cuspiu-o fora com todas as suas forças. —

Socorro! Está vivo! Está vivo! — Os meninos saíram correndo.

Num canto do pátio havia uma grade da qual saía uma nuvem de calor. Marcovaldo, com o passo pesado de homem de neve, deslocou-se para lá. A neve se derreteu, desceu em cascata pelas roupas: reapareceu um Marcovaldo todo inchado e obstruído pelo resfriado.

Pegou a pá, sobretudo para aquecer-se, e se pôs a trabalhar no pátio. Tinha um espirro que ficara preso no alto do nariz, estava sai não sai, e não se decidia a sair. Marcovaldo cavava, com os olhos semicerrados, e o espirro continuava sempre empoleirado no nariz. De repente: o "Aaaaah..." foi quase um estrondo, e o "...tchim" foi mais forte que a explosão de uma mina. Com o deslocamento de ar, Marcovaldo foi atirado contra a parede.

Mais que deslocamento: o espirro tinha provocado um verdadeiro tufão. Toda a neve do pátio se ergueu, turbilhonou como numa tormenta, e foi sugada de novo para cima, pulverizando-se no céu.

Quando Marcovaldo reabriu os olhos voltando de seu desfalecimento, o pátio estava completamente limpo, sem nenhum floco de neve. E aos olhos de Marcovaldo se reapresentou o pátio de sempre, os muros cinzentos, as caixas do armazém, as coisas de todos os dias, ásperas e hostis.

***Ítalo Calvino (1923-1985)***

*Nascido em cuba, mas tendo vivido na Itália desde os primeiros meses de vida, Calvino participou da resistência ao fascismo durante a guerra e publicou diversos livros, os trechos aqui presentes foram retirados do livro As estações da cidade.*

## O OLHAR ESTRANGEIRO

---

---

Nunca a questão do olhar esteve tão no centro do debate da cultura e das sociedades contemporâneas. Um mundo onde tudo é produzido para ser visto, onde tudo se mostra ao olhar, coloca necessariamente o ver como um problema. Aqui não existem mais véus nem mistérios. Vivemos no universo da sobreexposição e da obscenidade, saturado de clichês, onde a banalização e a descartabilidade das coisas e imagens foi levada ao extremo. Como olhar quando tudo ficou indistinguível, quando tudo parece a mesma coisa?

A empresa tradicional do olhar não é mais possível, na medida em que pressupunha uma identidade e um significado intrínseco das coisas. Olhar então implicava descobrir um sentido que se tomava por dado nos indivíduos, relações e paisagens. Esta suposição de uma realidade anterior ao olhar, ao complexo processo de exposição que chamamos comunicação, é que, porém vem sendo colocada em xeque. Como se constitui aquilo que hoje se apresenta ao nosso olhar?

Mudanças na estrutura urbana, na arquitetura, nos meios de comunicação e transporte viriam alterar profundamente a própria constituição da realidade. Hoje o real é ele mesmo uma questão. As autopistas de alta velocidade - além da informatização - transformam por completo o perfil das grandes cidades e, portanto a nossa experiência e nossa maneira de ver. O indivíduo contemporâneo é em primeiro lugar um passageiro metropolitano: em permanente movimento, cada vez para mais longe, cada vez mais rápido. Esta crescente velocidade determinaria não só o olhar, mas, sobretudo o modo pelo qual a própria cidade, e todas as outras coisas, se apresentam a nós.

A velocidade provoca, para aquele que avança num veículo, um achatamento da paisagem. Quanto mais rápido o movimento, menos profundidade as coisas têm, mais chapadas ficam, como se estivessem contra um muro, contra uma tela. A cidade contemporânea corresponderia a este novo olhar. Os seus prédios e habitantes passariam pelo mesmo processo de superficialização, a paisagem urbana se confundindo com outdoors. O mundo se converte num cenário, os indivíduos em personagens. Cidade-cinema. Tudo é imagem.

As cidades tradicionais, ao contrário, eram feitas para serem vistas de perto, por alguém que andava devagar e podia observar os detalhes das coisas. Um prédio feito para ser observado por quem passa na calçada, a pé, pode ser ornamentado. É através

de suas formas arquitetônicas que ele nos diz o que ele é. Um topo recortado nos sugere um castelo medieval, marquises decoradas remetem a uma estrutura futurista. A arquitetura tradicional constrói a representação.

O caminhar lento surgiu na filosofia e na poesia com a figura do *flaneur*. Personagem do final do século XIX era o indivíduo que vivia na rua como se estivesse em casa, fazendo dos cafés a sua sala de visitas e das bancas de jornal a sua biblioteca. Este homem ainda podia se pretender um olhar capaz de captar as coisas como elas eram. O seu olhar era correspondido. Num poema de Baudelaire, "A Passante", esta experiência aparece no seu momento terminal. O poeta está caminhando em meio à multidão quando, de repente, por um breve instante, o olhar dele se encontra com o de uma linda mulher, vindo no sentido contrário. Neste instante de êxtase, verdadeira iluminação, ele se viu refletido no olhar dela. O poeta, surpreendido, fica imobilizado e, ao se voltar, ela já tinha desaparecido na multidão. Essa crescente dificuldade em se reconhecer nos objetos e nos outros, que atravessa toda a obra de W. Benjamin, introduzia a problemática de um olhar que possa ser correspondido, de um olhar nos olhos.

***Nelson Brissac Peixoto***

*É doutor em filosofia pela Universidade Paris I, e professor da Pontifícia Universidade Católica, na área de Semiótica*